

O SANTO OFÍCIO

AS LIÇÕES DE VIRGINIA WOOLF

Por Franklin Jorge



Virginia Woolf [1882-1941] escreveu sobre quase tudo sem prestar tributos ou dispensar louvores fingidos. Sentimos, ao lê-la, que um grande escritor é também um leitor extraordinariamente culto e apto a atravessar a porta estreita da arte sem carregar as ferramentas do seu absorvente ofício.

Mais conhecida entre nós por sua prosa de ficção e por ouvir rouxinóis cantando em grego, Virginia mostra-se em *O valor do riso* – coletânea traduzida e organizada por Leonardo Froes, que acaba de sair no Brasil – a ensaísta criteriosa e sagaz que pode dizer-nos que a música incita em nós alguma coisa feroz e inumana; a autora de textos analíticos e autobiográficos que catalisam suas reflexões estéticas, inquietações espirituais e tormentos existenciais que a levaram ao suicídio em 1941, ao jogar-se nas águas do rio Ouse, perto de sua casa, em Sussex. Enchera de pedras os bolsos do casaco. Estava ca-

sada desde 1912 com Leonard Woolf, com quem fundara em 1917 a Hogart Press que se tornaria prestigiosa.

Prospectou a alma humana e esquadrinhou à volta de si mesma, buscando o riso puro “tal como o ouvimos nos lábios das crianças e das mulheres tolas”, atualmente em descrédito pois ninguém ri mais, como previu então. Como jornalista cultural e cronista, lançou olhares perspicazes sobre as diversas camadas e esteios da sociedade londrina, ainda formalmente vitoriana mas já solapada pelo talento iconoclasta do grupo de Bloomsbury, tertúlia que reunia às quintas-feiras em Hyde Park Gates e em outros endereços de Kensington jovens e brilhantes intelectuais e artistas que pretendiam ser renovadores da literatura inglesa.

Seus textos mais intimistas, como quando conversa consigo mesma, concentram a essência de sua escrita – uma arte que nos faz perceber, num estranhamento, que o escritor não é um homem livre e a música de rua, rudimentar enfática, para fazer sucesso deve ser estridente.

Admirável o que escreveu sobre Thoreau, Henry Davi Thoreau [1817-1862], o último de uma linhagem mais antiga de homens ou o primeiro de uma ainda por vir. Homem selvagem e indomesticável, compôs *O lago de Walden* e *A desobediência civil*, obras transcendentalistas inspiradoras de movimentos de vida alternativa e manifestações pacíficas pelo mundo afora.

Thoreau desconfiava de toda atividade que exige roupa nova e defendia que todo cidadão podia insurgir-se contra o estado que se tornasse tirano. Tinha a vocação de ficar em casa e amava as coisas comuns, como um dia de sol ou uma tarde de inverno. Um homem, enfim, que não queria viver o que não fosse vida; viver queria a fundo

e sugar toda a essência da vida. De sua mão – diz-nos Virginia em seu comentário – a sociedade recebeu uma saraivada de golpes. Estóico que amava o silêncio, todo e qualquer aglomerar-se em multidões, para fazer o bem ou obter prazer, era para ele uma aflição intolerável. Achava que não precisava de mais de três cadeiras em sua casa: uma, para a solidão; duas, para a amizade; e terceira para os colóquios.

Não ficam atrás outros ensaios desse livro que recebeu no batismo o título de O valor do riso, como o que tece sobre a publicação em dois volumes dos diários de lady Elizabeth Holland, casada aos quinze anos com um baronete e membro do Parlamento 22 anos mais velho, Sir Geodfrey Webster, proprietário rural em Battle Abbey, cuja mansão se transformou em extensão do mundo da política, da sociedade e da alta cultura de Londres. Divorciada, casou-se no mesmo com Lorde Holland, sete anos mais velho. O que escreve sobre Jane Austen e o leitor comum são grandes momentos desse ensaísmo inteligente que nos ensina a ver e a observar seres complexos, e aparentemente normais.

Virginia tinha o gosto da biografia, dos diários e dos documentos íntimos que, por sua vez, produziria como estes tão bem escolhidos por Leonardo Froes para introduzir o leitor brasileiro em sua prosa fluida e densa. Não surpreende que tenha escrito o Orlando, obra da fantasia, como em Shakespeare Sonhos de uma noite de verão, quando o autor visivelmente se diverte, escrevendo. Seus diários e ensaios são o documento de seu processo individual de criação. É a escritora cativa do compromisso com a escritura e com o ato de escrever como uma pulsão de vida. Suas observações ao comentar as memórias da atriz Sarah Bernhardt e sua visão multifacetada da mulher e do universo feminino, presente em seus pensamentos. Velhas

casas de Londres, como a de Carlyle, que não consta dessa antologia exemplar e outras, mais obscuras, como a da velha senhora que em subúrbio de Londres recebe todos os dias para o chá alguns velhos amigos de uma vida inteira e banal.

Veneza, a Serenissima República dos Doges, merece-lhe um olhar percuciente e extasiado que se beneficia do conhecimento posterior. Cidade de palácios e de pintores da Escola Veneziana decantada e resumida nos quatro volumes da obra de Pompeo Melmonti, traduzidos para o inglês. O apogeu seguido da decadência. Virginia escreve sobre Veneza como o inglês passeia, desapressadamente, porém com essa paixão que não pode faltar à arte. Veneza da arte tipográfica de Aldo Manuzio, difusor dos Clássicos Greco-latinos, Veneza dos palácios submersos e dos pintores da Escola Veneziana, das ruas escuras e águas profundas. Cidade que atrai os escritores, como Baron Corvo, Ruskin, Proust. Três diferentes escritores se devotam a Veneza, de uma ou alguma forma. Embarcações, gôndolas e o galeão dourado que transportava o doge, pai de toda a raça, cortando os canais e as lagunas, põem-nas em movimento novamente a prosa de Virginia Woolf.

Admirável ensaísta! Profunda, clara e cheia de pensamentos.

FRANKLIN JORGE (RIO GRANDE DO NORTE) – Escritor e Jornalista. Vencedor do Prêmio Luís Câmara Cascudo. É autor, entre outros, do livro Ficções, Fricções e Africções (Mares do Sul, 1998).